

IGREJA
LUSITANA

COMUNHÃO
ANGLICANA

o novo despertar

TRIMESTRAL
JULHO 2022

Nº 186
€1.50



DESTAQUES NESTA EDIÇÃO



Pág. 14 a 19
99º Sínodo Diocesano



Pág. 20
15ª Conferência de Lambeth



Pág. 22 e 23
Sophia de Mello Breyner Andresen



Pág. 24 e 25
Testemunhos de Fé - Sandra Vicente Antunes

CONTRIBUA PARA O NOVO DESPERTAR ATRAVÉS DE:



WAY

963 037 073



TRANSFERÊNCIA

IBAN PT50 0033 0000 00005468868 81

Ficha Técnica

Entidade Proprietária: Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica **Director** - D. Jorge Pina Cabral **Administração** - Rev. Sérgio Pinho Alves **Equipa Redactorial** - D. Jorge Pina Cabral, Rev. Sérgio Alves, Dr. António Manuel Silva, José Manuel Cerqueira, Catarina Sá Couto **Colaboradores neste número:** Estela Lamas, Sandra Antunes, Revª Abilene Fischer **Fotografia de Capa:** Albin Hillert, 4 Outubro de 2019 WCC Genebra **Design:** Mário Ferreira **Redacção:** Centro Diocesano, Rua Afonso Albuquerque, 86 Apartado 392 4431-905 V. N. de Gaia Tel: 223 754 018 - Fax: 223 752 016 **E-mail:** centrodiocesano@igreja-lusitana.org **Web:** www.igreja-lusitana.org **Tiragem:** 750 Exemplares **Periodicidade:** Trimestral Isenta de registo na ERC ao abrigo do Dec. Regulamentar 8/99 de 9/6, artº 12, nº1A **Depósito Legal:** 251930/06 **NIPC:** 592003159 **Impressão:** Sersilito O Novo Despertar é um órgão oficioso da Igreja Lusitana, editado pelo Sínodo Diocesano. O seu conteúdo pode ser reproduzido desde que seja citada a origem. As opiniões expressas são da responsabilidade dos seus autores e não representam necessariamente a posição da Igreja Lusitana. **Assinatura Individual Anual Nacional:** 10€ **Assinatura Individual Anual Internacional:** 15€ **Assinatura Benemérito:** 15€ **IBAN:** PT50 0033 0000 00005468868 81 (Millennium BCP)



D. Jorge Pina Cabral

PEDRAS VIVAS DE UMA ESPERANÇA VIVA

Pedro destina a sua primeira carta bíblica a cristãos de diversas comunidades espalhadas pela vasta região da Ásia Menor. Estes cristãos enfrentavam dificuldades e perseguições por causa da sua fé. Pedro infunde-lhes coragem aconselhando-os vivamente a viverem vidas de testemunho, esperança e santidade. Para ele, cada crente é uma «pedra viva» de um edifício espiritual que é a Igreja e cujo fundamento e único alicerce e sustento é Jesus Cristo.

Ser «pedra viva» segundo o Apóstolo requer a fé pessoal em Jesus Cristo e a disponibilidade para fazer parte com outros, de uma realidade maior que a todos nos congrega e que é a Igreja enquanto Corpo de Cristo. Dado que nenhuma pedra se sustenta por si mesma, dependemos uns dos outros e todos dependemos e somos sustentados por Jesus Cristo, que como cantamos é «a pedra preciosa que Deus predestinou».

Pedro ajuda-nos a compreender que a Igreja, mais do que uma Instituição terrena, com o seu poder e os seus problemas próprios, é uma realidade espiritual chamada a herdar o chamamento de Deus feito outrora ao povo de Israel e agora e em Jesus Cristo, destinada a ser «gente escolhida, um povo santo de sacerdotes ao serviço do Reino, povo que pertence a Deus» (I Pedro 2,9). A Igreja que somos, percebe-se, pois, à luz da História da Salvação e do chamamento feito por Deus a Israel e mais tarde a toda a humanidade na pessoa de Jesus Cristo. Não é um fim em si mesmo, antes uma realidade que nos projeta desde já, numa outra realidade maior e que é o Reino de Deus, inaugurado e proclamado por Jesus Cristo.

Visitei recentemente a Missão de S. Mateus em Chifunge perto de Maputo – Moçambique. Fui recebido pelo irmão Elias que na sua prolecta idade continua a ser um fiel animador desta comunidade cristã. Contou-me que o trabalho missionário se tinha iniciado há quarenta anos atrás à sombra de uma bonita árvore que ainda lá se mantém. A sua mágoa consiste em não terem conseguido ainda erguer um templo para a Igreja. Compreendi a sua preocupação e lamento, mas acima de tudo dei graças a Deus pelas «pedras vivas» que me receberam e que apesar das contrariedades continuam a manifestar uma fé viva, alegre e compro-

metida. Ali na simplicidade do lugar e na humildade do grupo congregado, a metáfora das «pedras vivas» usada por Pedro na sua carta, ganha expressão e vida. A exigência do contexto e as dificuldades enfrentadas, alimentam uma fé e um compromisso, que faz com que «os anciãos e os jovens tenham sonhos e visões proféticas» (Joel 3,1). Ali percebemos claramente, de que mais do que uma instituição a Igreja é Corpo de Cristo. Mais do que templos de pedra erguidos a Igreja é a realidade viva da fé das pessoas que a constituem.

Enquanto bispo sugiro que cada comunidade ganhe esta consciência reunindo-se regularmente fora das paredes e da segurança da Igreja, quem sabe até, e neste Verão, à sombra de uma bonita árvore?! Como tudo seria e será diferente no ganhar da consciência de que a Igreja somos nós, batizados em Cristo e por Ele escolhidos a ser «povo santo de sacerdotes» para «proclamar as admiráveis obras de Deus». Importa «reimaginar» a Igreja que somos não dando como certo e imutável aquilo que por natureza é efémero e transitório. Importa que cada crente (re)assuma o seu compromisso pessoal e batismal com Cristo e a sua Igreja.

O atual contexto social e político que vivemos e que alguém denominou de «tempestade perfeita» pode também na sua exigência contribuir para um apurar da fé e do compromisso de cada cristão. A fé acomodada e instalada que interiorizou os valores do individualismo consumista, tem que dar lugar ao compromisso, responsabilidade e disponibilidade para com o trabalho da Igreja e o testemunho desta perante a sociedade.

Cada «pedra viva», cada crente, cada batizado, possui dons, sonhos e visões que são necessários para o todo que é a Igreja. Ninguém se deve, pois, abster de participar e dar o seu contributo para o trabalho e vivência da sua Igreja e para o construir de uma «esperança viva» capaz de dar sentido à vida de tantos e tantas que andam «cansados e oprimidos».

A todos vos desejo um bom período estival!

+ Jorge



TOMADA DE POSSE E

BATISMO NO BOM PASTOR

A 24 de abril e após uma boa participação eleitoral, tomou posse no decorrer da eucaristia dominical, a Junta Paroquial eleita. Fazem parte do novo elenco os membros da comunidade; Ema Gaspar, Rute Serronha, Fátima Mesquita, Carlos Leal e Delrymar Alves.

A 7 maio e numa celebração muito participada e vivida foi batizado o menino Afonso Filipe Rodrigues Gaspar, filho de Dulce Maria Rodrigues e de Sandra Cecília Santiago Gaspar. A cerimónia foi presidida pelo pároco Reverendo Sérgio Alves acolitado pelo leitor Delrymar Alves.

Na relação da paróquia com o trabalho do Centro Social do Bom Pastor, têm-se vindo a realizar, todas as quartas feiras à tarde, celebrações de oração com os utentes do Centro Social. Tem sido um tempo de rico enriquecimento espiritual para os idosos no aprofundamento do conhecimento da Palavra de Deus.



NOVA JUNTA E BATISMO EM S. JOÃO EVANGELISTA

A tomada de posse da Junta Paroquial eleita para o biénio 2022-2023 teve lugar durante a celebração eucarística dominical do passado dia 24 de abril, e foi presidida pelo pároco, Rev. Jaime Dias, acolitado pelo Leitor José Manuel Cerqueira. A nova Junta passa a ser constituída por: Fernando Rui Soares, Maria Inês Sá Couto, Joaquina Rosa Morais, Joana da Luz Soares, Mafalda Silva Pinto da Costa e João Pedro Ribeiro Dias.

A 18 de junho, realizou-se o sacramento do Batismo do menino Henrique Silva Pinto da Costa, filho de Rui Pedro Martins da Costa e de Mafalda Sofia Guedes Silva Pinto da Costa. Devido a cirurgia recente a que tinha sido submetido o pároco, a cerimónia foi presidida pelo Arcipreste do Norte, Rev. Sérgio Alves, que foi acolitado pelo Leitor José Manuel Cerqueira. Assistiram diversos familiares e amigos da família, bem como membros da paróquia.

A celebração eucarística dominical a 3 de julho teve a colaboração especial dos professores e alunos da Escola Dominical. A escolha dos cânticos e a mensagem dirigida à congregação foram preparados pela Escola Dominical, em articulação com o pároco, tendo o Luís Massa (professor e coordenador da Escola Dominical) apresentado a mensagem juntamente com alguns alunos; após a mensagem, seguiu-se a interpretação de uma peça de flauta por parte um dos jovens. Com a graça de Deus, foi um culto bastante apreciado pela congregação e a alegria estava bem evidente no rosto de todos os irmãos em Cristo.





S. PAULO

ACOLHE SÍNODO DIOCESANO E CONCERTO DE MÚSICA ANTIGA

O mês de junho foi de particular trabalho para a comunidade de S. Paulo em Lisboa na preparação e acolhimento de eventos. Assim e para o acolhimento do Sínodo Diocesano houve todo um trabalho prévio de limpeza e preparação dos diversos espaços bem como a disponibilidade para providenciar bebidas e alimentação nas pausas dos trabalhos Sinodais.

Também, e integrado na relação estabelecida entre o organista da Catedral David Dehner e a Escola Superior de Música de Lisboa, realizou-se a 22 de junho um bonito concerto de música antiga protagonizado pelos alunos e alunas desta escola. Este evento de cariz musical e cultural foi presenciado por um numeroso público.





S. TOMÉ

CELEBRA ANIVERSÁRIO COM ALEGRIA E CONVÍVIO

Para celebrar o 76º aniversário do início do trabalho evangélico em Castanheira do Ribatejo (1946-2022), a paróquia de S. Tomé promoveu a 18 de julho um passeio e dia de convívio junto ao rio Tejo no aprazível lugar do Escaroupim. Foi um dia preenchido com um animado programa que permitiu o convívio e o reforço dos laços de amizade entre os membros da comunidade, desde os mais novos aos mais velhos. No domingo seguinte, 19 de julho e no contexto da celebração eucarística dominical, a comunidade paroquial reuniu-se em ação de graças a Deus pelo aniversário da Igreja, fazendo também memória das «pedras vivas» que ao longo já de muitas décadas, souberam manter viva e transmitir a fé em Jesus Cristo. Por tudo damos graças a Deus!



ABERTURA AO MEIO E BATISMO NO

SALVADOR DO MUNDO

A Loja Social desta paróquia, situada no lugar do Prado em Vila Nova de Gaia, promoveu mais uma edição da «Feirinha Solidária». O evento, cujo produto se destinou ao trabalho social, realizou-se a 4 de maio, um dia da semana e permitiu a abertura da Igreja ao longo do dia e o acolhimento de numerosos visitantes. No bonito pátio da Igreja com uma abertura direta ao meio, foram colocadas bonitas mesas e arranjos que constituíram um bom chamariz para os transeuntes. Atualmente estão a decorrer no salão paroquial os Workshops denominados de «Artes e Ofícios – Ofícios e Ateliers» que têm congregado um bom número de participantes.

No domingo dia 5 de junho, no contexto da celebração eucarística foi batizado o menino Emanuel Filipe Monteiro Lopes Alves e admitido à Eucaristia seu irmão, o jovem João Filipe Monteiro Lopes Alves. Ambos são filhos do Reverendo Pároco Sérgio Alves e sua esposa Filipa Lopes. A convite do pároco, a celebração foi presidida pelo sr Bispo Emérito D. Fernando da Luz Soares coadjuvado pelo pároco e pela diácona Isabel Silva. A celebração teve uma grande carga emotiva e afetiva e contou com a participação musical dos irmãos Gonçalo, André e Rita Soares. Por tudo rendemos graças e louvores a Deus.





NOVAS VIVÊNCIAS NA MISSÃO DO ESPÍRITO SANTO

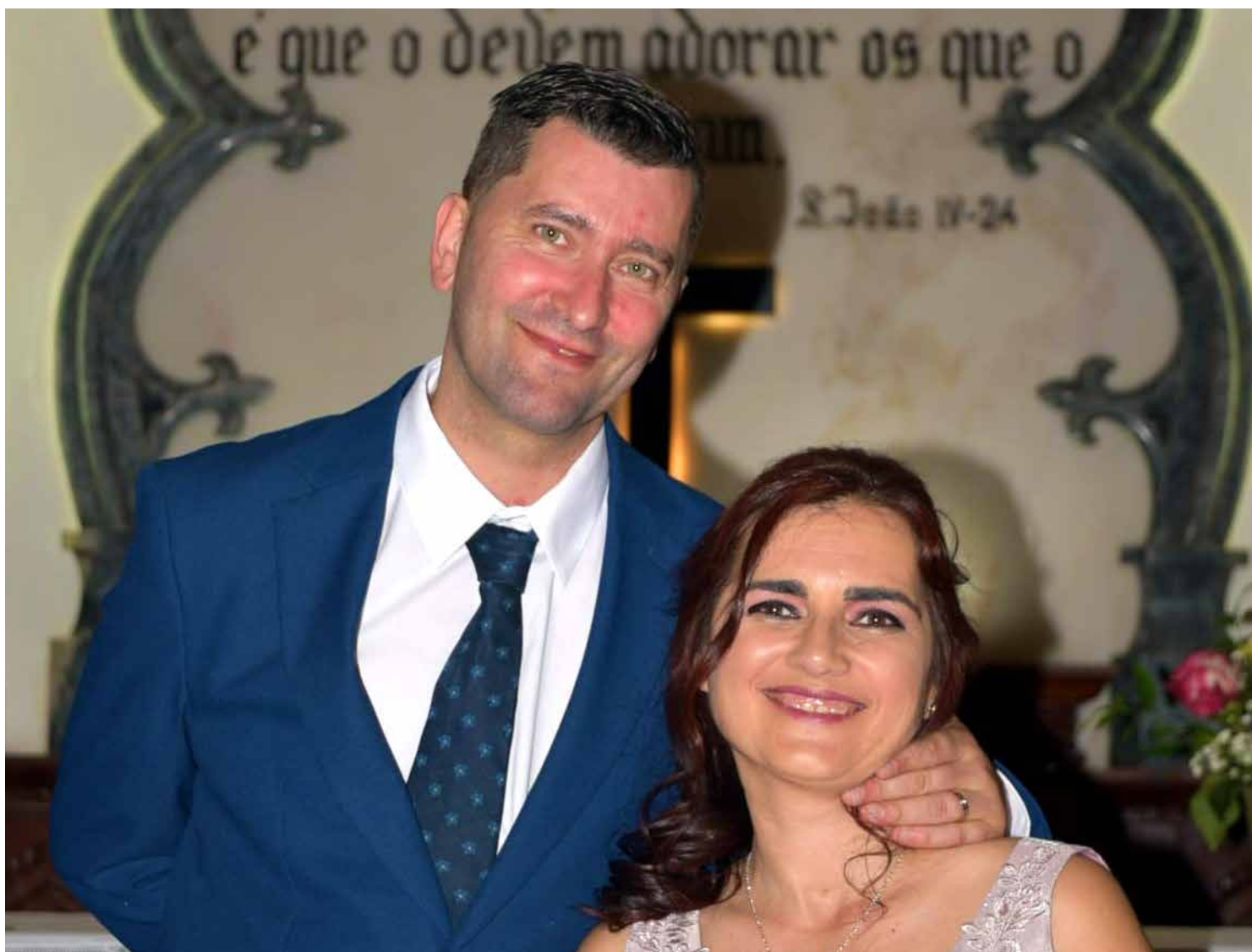
Sob a orientação da Reverenda Abilene Fischer iniciou-se no passado mês de maio e às sextas feiras ao fim da tarde, um Curso de Inglês destinado a principiantes. O Curso tem lugar na própria Igreja e nasce da necessidade sentida pelos membros desta comunidade lusitana situada em Setúbal e pastoreada pelo Rev^o Barros Pedro Banza.

Procurando a dinamização do trabalho desta Missão, os membros da comunidade vão iniciar um processo de obras e de reparação da cave da Igreja oferecendo eles mesmos a mão de obra e o trabalho necessário e a diocese comparticipa na aquisição de material.

Os novos espaços a serem criados destinam-se à instalação de uma cozinha, sala para estudos, dispensa para atender necessitados e espaço de refeições e reuniões. Também está em desenvolvimento um projeto de animação musical das celebrações eucarísticas e de formação de músicos.

Foi numa ambiência de festa e de ação de graças a Deus, que no decorrer da Eucaristia de 3 de julho presidida pelo bispo diocesano, o casal António e Rosangela Vianna, celebraram o trigésimo aniversário do seu matrimónio. A alegria foi ainda mais sentida e partilhada pela presença de todos os membros da família agora reunida e a viver em Portugal.





ABERTURA À SEMANA NO

REDENTOR, BATISMO DE ADULTO E BODAS DE PRATA

Cumprindo um desejo antigo e uma necessidade por todos sentida, a Paróquia do Redentor no Porto, passou a abrir as portas do templo à semana. Assim e desde abril passado que se começou a realizar às quartas feiras, às 10h30, o serviço da Oração da Manhã seguido de um tempo para acolhimento pastoral e convívio com a comunidade envolvente.

Na decorrência desta abertura, Márcio Silva, natural da Guiné Bissau e vizinho da Igreja, foi integrado na comunidade tendo solicitado o seu batismo. Foi, pois, com muita alegria, que na celebração eucarística dominical de 12 de junho se realizou o seu batismo e a comunidade

reunida deu as boas vindas a este novo membro da Igreja de Cristo. No decorrer desta celebração, presidida pelo pároco Reverendo Carlos Duarte, os jovens Alexandre Menezes e Miguel Cunha foram admitidos à Eucaristia.

Num contexto de grande emoção e alegria, e com a presença de familiares, amigos e membros da comunidade, o casal Graça e Miguel Cunha, celebrou no passado dia 28 junho as suas bodas de prata renovando assim os seus votos matrimoniais e agradecendo a Deus por todas as bênçãos recebidas ao longo do casamento.



PRAIA DE MIRA

MARIA DE MAGDALA PONTO DE MISSÃO

“O amor não reconhece barreiras, antes salta obstáculos, pula cercas, atravessa paredes e chega ao destino final cheio de esperança” - Maya Angelou

Havia uma pandemia, um confinamento, a demora do antivírus, e com isso muita incerteza, temores e ansiedade. Mas a vida não para e em meio a turbulência do Covid 19 a vida continuou como uma roda gigante cheia de altos e baixos, e em outros momentos como um cavalo selvagem fugindo ao nosso controle!

Coisas maravilhosas continuavam a acontecer: novas amizades, novos projetos, novos cenários virtuais, inúmeras possibilidades. Igualmente, coisas terríveis continuavam a acontecer: pessoas adoeceram, relacionamentos romperam, sonhos desmoronaram, familiares próximos morreram. Em meio dessa turbulência, nos voltamos para Deus e para uns aos outros, assim nasceu uma comunidade de fé, oração e amizade. Esta é a origem da Missão Maria de Magdala, coordenada pela Dra em Teologia Nivia de La Paz e pela Reverenda Abilene Fischer, coadjutora na Catedral de São Paulo.

Uma estudante de Colômbia precisava atravessar a Espanha para chegar a uma universidade na França, uma família vinda de Cuba precisava estabelecer-se em Portugal, um estudante de fala espanhola precisava de uma morada em Coimbra. Outra família de Cuba buscava migrar para um lugar com mais oportunidade para seus filhos, cenários como esses, parecem fictícios, mas são tão comuns.

A partir de pessoas apoiando-se mutuamente e prestando apoio a outras pessoas mesmo que distantes mas unidas pelos mesmos desafios, fomos descobrindo que os obstáculos podiam ser ultrapassados. Fronteiras pareciam algo construído no imaginário, prontas a serem ignoradas ou removidas, por causa do suporte e amizade de migrantes nesta comunidade. O que temos na Praia de Mira são 2 estudantes de Coimbra, 2 famílias de Cuba, e uma da Colômbia, 2 brasileiros e alguns portugueses apoiando-se mutuamente, não temos uma paróquia nem um lugar físico para nossos encontros informais que acontecem em cafés, restaurantes, ou a beira do Lago. Mas isso não reduz nossa alegria de reunir como comunidade de fé e em oração discernir a mão de Deus nos eventos da nossa vida.

Como Maria de Magdala afirmou: ‘Eu vi o Senhor!’ Igualmente, nós migrantes, inspirados nesse testemunho desejamos ver o Senhor em cada ciclo da nossa peregrinação. Fortalecidos nessa fé, já superamos uma pandemia e chegamos até aqui cheias de esperança. O que vier a frente já é lucro e apostamos tudo por que sabemos que Deus já chegou no nosso futuro e em parceria com Ele estaremos acolhendo outros mais, tantos quantos o Senhor juntar a nós.

Revª Abilene Fischer

Responsável Pastoral



DEUS É BOM ! SEMPRE !

A minha primeira viagem a Moçambique ocorreu no ano de 1994, tendo integrado na altura, o grupo de observadores das Nações Unidas (ONU) às primeiras eleições livres que se realizaram no país. Para um jovem, na altura com 28 anos, a viagem constituiu uma experiência marcante e inolvidável, recheada de acontecimentos e episódios únicos que permitiram o conhecimento de um povo generoso e bom. De então para cá, e mesmo com inúmeros recursos e riquezas naturais, Moçambique continua a padecer de um lento desenvolvimento económico e social, agravado por desastres naturais e climáticos e propagação de doenças diversas.

Apesar do difícil contexto social, político e económico vivido nas últimas décadas, a Igreja Anglicana em Moçambique, tem vindo a percorrer um caminho de crescimento, que permitiu recentemente a criação de cinco novas dioceses e a sagração de novos bispos para o trabalho na seara de Deus. Foi neste contexto celebrativo e festivo e a convite do Bispo Presidente Interino da Igreja Anglicana de Moçambique e Angola (IAMA), D. Carlos Matsinhé, que na minha qualidade de bispo da Igreja Lusitana e Coordenador da Rede Lusófona da Comunhão Anglicana, tornei, volvidos 28

anos, a visitar entre os dias 21 e 27 de junho, este país irmão.

Ao longo da minha estadia tive a oportunidade de percorrer diversas comunidades e obras da Igreja Anglicana e contactar e conhecer as comunidades locais. Visitei a paróquia de São Cipriano e o centro de Chamanculo agora também sede da novel IAMA. Fruto da visão e empreendedorismo do então 9.º Bispo dos Libombos, D. Daniel de Pina Cabral, o centro foi dedicado a Deus em junho de 1974, está situado em pleno centro da cidade de Maputo e distingue-se pela sua bonita arquitetura e funcionalidade, que lhe permite albergar hoje, diversos serviços da Igreja e manter uma presença institucional na capital do país. Estive na histórica Catedral Anglicana de Maciene, situada a 300 quilómetros de Maputo, cujo complexo integra um hospital e uma escola e ainda diversos serviços para a Igreja, entre eles um centro de retiros e formação e uma comunidade de religiosas. Em todo o país a Igreja Anglicana possui já uma forte rede de apoio social e educativo que lhe permite um apoio efetivo às necessidades das comunidades locais.

Em muitos lugares é notória a falta de recursos materiais e económicos e a dificuldade na manutenção dos



próprios edifícios e património eclesial. Esta carência é compensada pelo elevado número de membros existente, cuja dedicação ao trabalho da Igreja é assinalável, colocando os seus próprios recursos pessoais ao serviço dos demais, muitas vezes com grande sacrifício. A Igreja possui já hoje nos seus quadros uma nova geração de gente bem qualificada e equipada para dar o seu contributo na Missão a desenvolver. Como muitos outros países africanos, Moçambique é uma sociedade jovem com um grande crescimento populacional que implica naturalmente respostas ao nível da educação e emprego das gerações mais novas. Estima-se que, atualmente, a população atinja já cerca de 33 milhões de pessoas.

Ao longo da minha estadia privei também com a delegação da Igreja Anglicana Angolana presidida pelo bispo D. André Soares e com os três novos bispos angolanos cuja sagração ocorreu já em Luanda no passado dia 26 junho. Moçambicanos e Angolanos encontram-se unidos na constituição de uma única Igreja, a IAMA, que forma a 42ª Província, a mais recente da Comunhão Anglicana. Áreas a necessitar de grande apoio são as da formação teológica do clero e a criação de uma liturgia própria e inculturada.

A criação de uma nova Igreja congregando dois países diferentes foi também um dos aspetos que mais me marcou e me fez refletir sobre a própria Igreja Lusitana no seu enquadramento eclesial de diocese extra provincial no contexto da Comunhão Anglicana. A visão que as Igrejas africanas souberam desenvolver e a conseqüente criação de novas estruturas e dioceses eclesiais e a sagração de novos bispos é o exemplo de que as estruturas e as configurações hoje existentes, devem sempre que necessário e oportuno,

dar lugar a novos desenvolvimentos facilitadores para a Missão e expansão da Igreja.

O ponto alto da minha visita foi sem dúvida a celebração da Sagração dos bispos Paulo Hansine, Agostinho Buque, Emanuel Capeta e Sérgio Bambo, ocorrida na manhã de domingo 19 junho, num pavilhão em Maputo com a presença de milhares de pessoas provindas de todo o país. D. Carlos Matsinhé foi coadjuvado na presidência pelos Arcebispos Thabo Cecil Makgoba (Arcebispo do Cabo e Metropolita da África Austral) e Josiah Idowu-Fieron (Secretário Geral da Comunhão Anglicana). No decorrer da cerimónia foi-me dada a honra e o prazer de participar na imposição das mãos aos novos bispos, de distribuir a Sagrada Comunhão, abençoar as crianças e dirigir uma saudação a todos os presentes. Simbolicamente e em nome da Rede Lusófona confiei ao Senhor D. Carlos um bonito báculo africano que outrora me foi confiado pelos familiares de D. Daniel Pina Cabral. Nesta entrega, unem-se e religam-se o passado e o presente da Igreja em Moçambique, reforçando assim o papel de liderança e condução pastoral, que assiste ao múnus episcopal, nesta nova fase da vida da Igreja em Moçambique e em Angola.

Agradeço à United Society Partners In the Gospel (USPG) o apoio financeiro prestado à viagem e estadia.

Termino com uma das mais belas e sugestivas expressões de louvor do povo Moçambicano:

«Deus é bom! Sempre!».

+ Jorge Pina Cabral

PEDRAS VIVAS DE UMA
ESPERANÇA VIVA



99^o
SÍNODO
DIOCESANO
IGREJA LUSITANA^{DA}

A IGREJA DE DEUS PARA O MUNDO DE DEUS

10 e 11
Junho 2022



Entre os dias 10 e 11 de junho 2022, decorreu, em Lisboa, na Catedral Lusitana de S. Paulo, o 99.º Sínodo Diocesano da Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica, sob o Tema “A Igreja de Deus para o Mundo de Deus”. O Sínodo teve o seu momento de abertura com uma celebração Eucarística presidida pelo Bispo Diocesano D. Jorge Pina Cabral, coadjuvado pelo Bispo D. Carlos Lozano em representação da Igreja Espanhola Reformada Episcopal, pelo Bispo D. Anthony Poggo, em representação do Sr. Arcebispo de Cantuária e pelo Cónego da Catedral de S. Paulo, Rev. Dr. João Hipólito.

Na sua homilia, D. Jorge refletiu sobre as palavras da Primeira Carta de Pedro 2,5: “Também vocês entram, como pedras vivas, na construção dum templo espiritual, onde são consagrados a Deus como sacerdotes para oferecerem sacrifícios espirituais que lhe são agradáveis, por Jesus Cristo.” O Sínodo foi exortado para a importância de assumir da fé pessoal em Jesus Cristo, no contexto de uma realidade maior que nos une e nos congrega que é a Igreja enquanto Corpo de Cristo. Nesta comunhão que é a Igreja cada membro é único e insubstituível com a sua voz, os seus sonhos e visões. O Sínodo é, pois, um tempo e um espaço no qual “não deve existir distinção entre clérigos e leigos porque todos se devem sentir chamados a dar e a receber uns dos outros.”

O bispo diocesano sublinhou que a realização do Sínodo é privilegiada dado ter o início dos seus trabalhos precisamente no dia 10 de junho, Dia de Por-

tugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas. Referiu que a Igreja Lusitana está deste modo unida com as autoridades constituídas e a sociedade civil na celebração da riqueza de um país multiseccular, com uma longa História de poetas e artistas e que pelo dom da língua se encontra unido às comunidades de língua portuguesa espalhadas pelo mundo: Brasil, Angola, Moçambique e outros países lusófonos e da nossa Rede Lusófona Anglicana, sem esquecer irmãos e irmãs de outros países que têm procurado em Portugal refúgio para os dramas das suas vidas e dos seus países, e que têm sido acolhidos com um alto sentido de respeito, solidariedade e dignidade humanas.

Também estes e estas são pedras vivas do templo espiritual que é a Igreja de Cristo. Num mundo tão carente somos pois, todos, «Chamados a ser pedras vivas de uma Esperança viva».

No encerramento da celebração Eucarística o 99º Sínodo Diocesano foi formalmente declarado aberto.

UM SÍNODO TRABALHOSO E PROFÍCUO



A agenda foi extensa e exigiu muita dedicação aos cerca de 50 participantes nos trabalhos Sinodais. Os trabalhos em plenário iniciaram-se com a apresentação dos diversos convidados presentes que tiveram a oportunidade de saudar o Sínodo. Enquanto espaço de reflexão e de debate conjunto, o Sínodo acolheu com alegria a apresentação de relatórios dos diversos Departamentos, Secretariados, Instituto da Igreja e do trabalho diocesano realizado desde a última edição, dando-se graças a Deus pelo variado e dedicado trabalho de Missão que os relatórios expressam e pela participação de muitas e muitas neste trabalho.

Particularmente trabalhoso e participado foi o ponto dedicado à apresentação das propostas. Após um cuidado trabalho e processo prévio de reflexão e análise

da atual situação estrutural do edifício da Igreja de S. Pedro em Lisboa e dado o seu avançado estado de degradação com riscos de segurança, foi aprovada a proposta de extinção da Missão de S. Pedro e alienação do respetivo imóvel de forma a gerar novas fontes de rentabilidade a serem colocadas ao serviço da Missão da Igreja Lusitana.

De seguida e visando a clarificação da presença e estatuto de novos organismos diocesanos nos trabalhos Sinodais e da Comissão Permanente e ainda uma maior celeridade no registo dos órgãos diocesanos eleitos em Sínodo e sua entrada em funções, foram aprovadas também, diversas alterações aos Estatutos da Igreja Lusitana.



No contexto do desenvolvimento do projeto «S. Paulo em Missão», foi aprovada a constituição da Associação dos Amigos da Catedral de S. Paulo, futura entidade de direito privado, cuja missão será a de contribuir para a realização de projetos da Catedral Lusitana, única Catedral Anglicana em Portugal, nas áreas do testemunho cristão, serviço ao próximo, preservação do património histórico e promoção cultural e artística.

Por fim e no contexto das propostas apresentadas o Sínodo aprovou por unanimidade e aclamação, a constituição do ponto de Missão, denominado de «Maria de Magdala», situado na praia de Mira (Coimbra), cujo foco de trabalho é a pastoral do migrante, e que já congrega cristãos provenientes de Cuba, Espanha, Colômbia e Portugal.

Conforme os Cânones da Igreja foram eleitos os novos órgãos da Diocese para o biénio 2022/2024 cuja tomada de posse decorreu em contexto de grande compromisso e disponibilidade para com a Missão da Igreja de Deus que urge desenvolver para o Mundo de Deus.

Encerrando os seus trabalhos no dia da Festa de S. Barnabé, Apóstolo, os membros sinodais deram graças a Deus pelo cumprimento dos diversos pontos da agenda e pelo ambiente fraterno e de unidade vivido, pedindo a orientação do Senhor da Seara Santa, de forma a que a Igreja Lusitana contribua cada vez mais para o crescimento do Reino de Amor, de Paz e de Justiça inaugurado e proclamado por nosso Senhor Jesus Cristo.



FÓRUNS TEMÁTICOS

APRESENTAM AO SÍNODO EIXOS DE MISSÃO DA IGREJA



IGREJA SEGURA PARA OS MAIS VULNERÁVEIS

COMUNHÃO ANGLICANA

Enquanto espaço de reflexão eclesial conjunta, o Sínodo diocesano contemplou também, tempo para a apresentação de temas ligados à Missão da Igreja Lusitana. Para cada temática foram constituídos previamente grupos próprios que prepararam cuidadosamente a sua apresentação, tornando assim o processo Sinodal mais rico e participado. Cada intervenção iniciou-se com um texto bíblico que serviu de suporte teológico ao enquadramento do respetivo tema.

A primeira, apresentada pelo Cônego João Hipólito, Helena Pina Cabral e Patricia Nascimento, versou o tema da «Igreja segura para os mais vulneráveis» e explanou as diretrizes e recomendações contidas no documento «Igreja Segura», recentemente aprovado pela Comissão Permanente para apli-

cação na Igreja Lusitana e editado pela Comunhão Anglicana. Pretende-se que a Igreja seja um lugar seguro para crianças, jovens e adultos prevenindo o abuso dos mais vulneráveis. Neste sentido, a Igreja Lusitana irá adaptar para a sua realidade própria os protocolos existentes ao nível da aptidão para o ministério ordenado, contratação de obreiros para a Igreja, educação e prevenção de abusos, apoio pastoral às vítimas e resposta efetiva aos abusos.

Todo este processo baseia-se no testemunho da Sagrada Escritura, que reconhece e afirma o amor de Deus por todos os membros da família humana e a prioridade dada por Jesus, no seu ministério, às crianças e aos mais vulneráveis da sociedade em particular na passagem de S. Lucas 17,1-4.



PATRIMÓNIO SUSTENTABILIDADE E MISSÃO DA IGREJA

COMISSÃO DE FINANÇAS

A segunda versou o tema «Património, Sustentabilidade e Missão da Igreja» tendo sido apresentada pelos membros Comissão de Finanças da Igreja, Joaquim Francisco, Reverendo Sérgio Alves e João Soares. A apresentação permitiu uma análise da situação e tendências das contas da diocese nos últimos 10 anos sublinhando a importância do património para o equilíbrio financeiro.

Abordou também os tipos de património existentes na ILCAE bem como o trabalho já realizado na sua manutenção e rentabilização. Por último foram apresentados os estudos que estão a ser desenvolvidos e projetos futuros. A Comissão terminou a sua intervenção exortando os presentes a cuidar dos «talentos» que Deus nos confiou e a fazermos a parte que nos compete, sustentados na mensagem da passagem bíblica de S. Mateus 25,14-30.



DIACONIA PAROQUIAL PRÁTICAS INSPIRADORAS PARA A MISSÃO

SECRETARIADO DE DIACONIA DA IGREJA LUSITANA

Os membros do Secretariado de Diaconia, Rute Serronha, Reverendo Pedro Fernandes, Ricardo Nascimento e Aurora Melo, apresentaram o tema da “Diaconia Paroquial - práticas inspiradoras para a Missão” sustentado em S. Mateus 25,35-45 e tendo por base um levantamento efetuado ao nível do trabalho diaconal e solidário que atualmente está a ser desenvolvido nas paróquias lusitanas. Este levantamento permitiu apurar que no decorrer do ano de 2021 e num contexto de crise, foram distribuídos ao nível da diocese 800 cabazes de alimentos, apoiadas 65 famílias num total de 250 pessoas num

valor de apoio financeiro estimado em 22.500 € (vinte e dois mil e quinhentos Euros). Foram prestados também diversos outros apoios (medicação, artigos de bebé, higiene pessoal, transporte ...), complementados com escuta ativa, proximidade, cuidado com cada situação e acompanhamento espiritual com oração. Foi enfatizada a necessidade de um maior trabalho em rede por parte de todos os intervenientes e a partilha de boas práticas e recursos ao nível das paróquias e diocese.



A IGREJA DE DEUS PARA O MUNDO DE DEUS O SENTIR JUVENIL

SECRETARIADO JUVENIL DA IGREJA LUSITANA

Por fim, o Secretariado Juvenil sustentado na I Carta de Pedro apresentou a sua própria visão do tema Sinodal através de depoimentos e testemunhos recolhidos entre jovens da Igreja e de fora da Igreja. Partindo do questionamento - de como podemos ser a Igreja de Deus para o mundo de Deus? - apresentaram dados e informações que ajudaram à caracterização da juventude em geral e em particular dos jovens portugueses quanto à religião, aos valores seguidos, ao conceito de felicidade, ao uso das redes sociais e à intervenção cívica e social. Particularmente interpeladoras para o futuro da Igreja que somos, foram as respostas dos jovens à pergunta: “O que queres que a Igreja seja para ti nos próximos dois anos?

O que gostavas que a Igreja fizesse por ti?”. Em jeito de análise transcrevemos algumas: «Gostava que mais jovens participassem nos cultos da igreja e que houvesse mais atividades para os jovens»; «A igreja que pretendo para o futuro, é aquela unida, em que os irmãos suportam as dificuldades uns dos outros»; «Gostava que a Igreja tivesse alojamento para acolher irmãos em situação de emergência, especialmente, aqueles que não têm família»; «Gostava que a igreja fosse uma extensão da minha família, que pudesse dizer, verdadeiramente, que somos todos irmãos.»; “Gostava de uma igreja que ensinasse mais da Bíblia em estudos bíblicos direcionados para jovens, abertos a questões (de forma dinâmica)».



15^a

CONFERÊNCIA DE LAMBETH

— A IGREJA DE DEUS PARA O MUNDO DE DEUS —

CAMINHAR, ESCUTAR E TESTEMUNHAR EM CONJUNTO

Com a Conferência de Lambeth agendada entre 26 julho e 8 de agosto de 2022, sob o tema «A Igreja de Deus para o Mundo de Deus», o Arcebispo de Cantuária Justin Welby, procura unir a Comunhão Anglicana sob expressões comuns de fé e compromisso social, em vez de se concentrar em debates sobre a sexualidade humana que dividiram os bispos em Conferências anteriores. Numa conferência de imprensa, o líder e foco de unidade da Comunhão, referiu que o objetivo da Conferência é o de encorajar os Anglicanos a olharem para o Mundo e comprometerem-se com os grandes desafios que na próxima década se irão colocar à Missão da Igreja especialmente em zonas de fragilidade climática e política.

Neste sentido, os cerca de 700 bispos esperados irão emitir as «Exortações de Lambeth» em vez de resoluções, como fizeram em Conferências anteriores. Com estas «Exortações», pretende-se afastar a Conferência de emitir declarações de acordo doutrinário, reconhecendo que a Conferência de Lambeth não é um Sínodo ou Órgão deliberativo e legislativo. As «Exortações» serão declarações claras, sublinhando o modo como a Comunhão Anglicana pode ser «Igreja de Deus para o Mundo de Deus» nas áreas do Serviço, Missão, Ação e Justiça. Após a Conferência as dioceses e paróquias espalhadas por todo o mundo serão convidadas a responder a estas Exortações e assumi-las para os anos vindouros. O sentido das Exortações é o de respeitar a autonomia das Províncias Anglicanas promovendo a inculturação da Missão em cada contexto.

Diariamente a Conferência de Lambeth, que terá lugar na Universidade de Kent, em Cantuária, irá combinar um programa de Estudo Bíblico sobre a I Carta de Pedro, com as discussões dos bispos sobre temas chave para a vida da Igreja que incluem: Missão e Evangelização, Identidade Anglicana, Unidade Cristã, Diálogo Inter-Religioso, Discipulado, Igreja Segura, Reconciliação, Identidade Humana e Desenvolvimento sustentável e ambiental.

Participando pela primeira vez na Conferência, o bispo da Igreja Lusitana, D. Jorge Pina Cabral, sublinhou a importância de que se reveste a oportunidade, dos bispos estarem juntos em oração e reflexão sobre os assuntos da Igreja e do Mundo, num tempo e contexto mundial particularmente exigente. O encontro e reforço das relações pessoais entre os bispos, bem como o aprofundamento de um pensar comum sobre os desafios e esperanças da Missão da Igreja, constituem também para o bispo lusitano, riquezas a serem exploradas em conjunto.

Como parte integrante da Conferência de Lambeth haverá o programa destinado aos cônjuges dos bispos. Rute Serronha, esposa de D. Jorge, estará presente e assumirá a função de facilitadora num dos grupos de trabalho temáticos.





11^a

CONFERÊNCIA DO CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS

Depois de adiada por causa da pandemia, realizar-se-á, na cidade de Karlsruhe, Alemanha, de 31 de Agosto a 8 de Setembro deste ano, a 11^a Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas, que terá como tema: “O Amor de Cristo move o mundo para a Reconciliação e a Unidade”. O símbolo da Assembleia é já uma referência. É constituído por uma cruz, uma pomba e um círculo, e este representa a jornada da Reconciliação, o movimento, liberdade e vibração de vida que anima e impulsiona o Conselho.

No Documento preparatório podemos ler: “As Igrejas necessitam de encontrar juntas, num movimento ecuménico renovado pelo bem do mundo, uma voz mais pública para falar de uma esperança que leve a construir um mundo melhor do que este que temos, tão modelado pelo materialismo, individualismo e consumismo, um mundo onde se repartam os recursos, se abordem as desigualdades e se estabeleça uma nova dignidade entre nós e connosco...”.

É de há muito reconhecida a importância dos Documentos preparatórios das Assembleias do Conselho Mundial de Igrejas, porque expressam a reflexão anterior feita sempre por um grupo internacional de diferentes regiões e tradições Confessionais, tendo como objetivo preparar o caminho para que as Assembleias sejam oportunidades para reencontrar inspiração no amor de Deus, renovar as Igrejas e o Mundo no amor revelado em Jesus Cristo, “...amor que pelo poder do Espírito Santo, se continua a mover através de toda a Humanidade e em toda a Criação”.

Esta Assembleia ainda se realiza num momento da História do Mundo em que a pandemia mostrou a vulnerabilidade da Humanidade, as desigualdades e as divisões. Sobre isto o

mesmo texto questiona: “como é que, nesta época, se organiza fala e age a Igreja em quem o Amor de Cristo quer habitar? Como é que podemos, juntos participar na missão divina de amar o Mundo?”

Ainda no âmbito da experiência com a pandemia, é evidenciado todo o escândalo da pretensa autossuficiência, independência e individualismo que em muitos quadrantes não passa de uma “ilusão”. Até a experiência sofridora das Igrejas suspenderem a celebração dos seus Sacramentos, foi muito significativa e necessita de uma reflexão profunda.

Infelizmente o mundo apercebeu-se que o individualismo não ouviu “os gritos de dor e sofrimento de tantas comunidades e povos que se sentiram desamparados e esquecidos”.

Esta 11^a Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas quer ser ponto de partida para “abrir novos horizontes e possibilidades, e chamar as Igrejas para a Unidade e para enfrentarmos os desafios do mundo e testemunharmos os nossos valores evangélicos comuns”.

O Conselho Mundial de Igrejas reúne denominações e organizações eclesiais em mais 110 países representando cerca de 500 milhões de Cristãos, incluindo Igrejas Ortodoxas, Anglicanas, Batistas, Luteranas Metodistas e Reformadas, e muitas outras Igrejas Unidas e Independentes. A Igreja Lusitana tornou-se Membro do Conselho Mundial de Igrejas em 1962, tendo estado presente em todas as suas Assembleias, este ano será representada pelo Reverendo Sérgio Alves.

(Artigo escrito a partir das informações preparatórias disponíveis no Site Oficial do Conselho Mundial de Igrejas)





SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

DO CONFUSO LABIRINTO À CLARIDADE E LIMPIDEZ

Sophia Andresen, na sua escrita literária – poemas, contos e literatura infantil, focaliza-se no seu desejo de se aproximar de Deus, de compreender a Sua ação, buscando o transcendente como forma de apre(e)nder o mundo, de se descobrir a si própria no seu holos, o todo do seu ser, para assim entender a ação do criador. Vento/ar, luz/fogo, jardim/terra são os elementos com os quais Sophia mais trabalha, retomando as representações da vida presentes na Bíblia – o sopro, as cores encantadas do céu ao longo do dia, o cheiro dos frutos e o da terra, o encanto da natureza refletindo o criador, distante, mas sempre presente. A ruah, o sopro divino, presente em várias passagens bíblicas (Êxodo, Jó, Salmos, Isaías ...) é o poder pelo qual Deus age tanto na criação como no ser humano ao longo da história.

O tempo moderno é o tempo órfico da procura, o tempo do (re)viver, o tempo do (re)(cor)dar – dar de novo ao coração da natureza a unidade perdida, recuperando o ato da criação divina, estabelecendo elos, por meio de ‘tecidos’ ao longo dos tempos. O ser humano, sentindo-se recalcado pela sociedade, na estratificação de culturas e de credos

religiosos, procura libertar-se para encontrar a inteireza do ‘eu’, para tornar possível a realização total do seu ser. Procura, pelo regresso aos tempos primitivos, a desintegração das posses e da escravidão, para em seguida procurar a inteireza, a qual só é possível, através da sua totalidade, da simbiose do ser com o cosmos, da reconciliação com a natureza. Se bem que presente através de toda a obra *Livro Sexto*, é com mais incidência na parte I – *As coisas* – que o primitivismo se assume na sua dimensão civilizacional, isto é, no repúdio às estratificações culturais que se foram (sobre)pondo ao ser humano. A tal ponto que o próprio ‘eu’, cego pelo progresso, foi-se deixando envolver, chegando a ser destituído dos seus sentidos, a ficar impossibilitado do contacto direto com a criação; ao mexer-se, ao olhar, ao escutar, ao estender a mão, só encontrava as acreções sem fim que a humanidade tem vindo a produzir, ou seja, ‘as coisas’ que, pela sua enormidade e variedade traçam uma malha compacta que impede o ser humano de a furar, de a rasgar, para poder integrar-se na natureza, na criação, para aceder ao contacto com o transcendente.

Com efeito, só uma força vinda de dentro, do íntimo, pode permitir ao ser humano tomar consciência do estado em que se encontra ‘dominado pelas coisas’. Só despojado das posses, como que nu, depurado, o ser pode consubstanciar-se com o cosmos; daí que Sophia retome o sentido profundo da Ressurreição divina e anuncie a possibilidade de ‘ressurgirmos’. Cinco vezes, aparece no poema (Livro Sexto in *Obra Poética II*, p.109), a forma verbal ‘ressurgiremos’, prolongando o sentido do título – é um (re)encontro contínuo, consonântico e desejado ... o do (re)surgimento na Grécia, símbolo do começo do mundo; ali se processa a efabulação – *ali onde as palavras são o nome das coisas, ali onde a pedra estrela e tempo são reino divino*. O destino poético do homem é ser espelho do mundo. Neste poema está presente todo um espetáculo exterior que ajuda ao desdobramento da interioridade; a profundidade da vida revela-se inteira no espetáculo do mundo oferecido ao ser humano sem véus, sem sombras: *Na dura luz de Creta (...) aguda luz que se mostra limpa branca, quando o ser humano já estiver depurado pois como Sophia escreve convém tornar claro o coração do homem e erguer a negra exatidão da cruz* – a cruz da ressurreição, símbolo de todos os negros atos humanos; só o branquear pode modificar, tornar claro o coração do homem e erguer a negra exatidão da cruz. Neste poema, mais do que as palavras, o tecido sonoro criado pela repetição, própria do texto poético, não só das palavras, mas também dos sons agudos [u] [i] assim como dos sons líquidos [l], sugere a luz dura, aguda, limpa e branca que se espalha pelo mundo, a fluidez, resultado da força centrípeta que domina o mundo, o mundo com o qual o ser, levado por uma força contrária, a centrífuga, se funde ao encará-lo – olhar para a terra de frente. A luz, presente no poema abordado, está presente noutros poemas dispersando-se pela sua fluidez, tornando tudo mais claro, permitindo ao ser humano o enxergar nítido do mundo que o cerca, do cosmos, da criação – *a luz, mais que pura quebra a sua lança* (Livro Sexto, *Obra Poética I*, p.9). Neste poema ‘Algarve’, um rasgar de marcas profundas do ‘eu’ leva a poetisa a querer abarcar tudo quanto a cerca – *eu quero o canto o ar a anêmona a medusa o recorte das pedras sobre o mar*; é um grito que ecoa através do uso de sons abertos [é] [á] [ó]. Também no poema ‘As Cigarras’, *o fogo do céu a luz persegue cada coisa*; a ação expressa no verbo ‘perseguir’ não é da luz, mas do ser humano; todavia, é ação que só se torna viável pela *presença da luz até ao mais extremo limite do visível*.

Sophia, na sua obra, deixa um apelo constante ao descentramento do ‘eu’, à atenção à natureza, que se manifesta pelos sons, pelas imagens, pelos perfumes, pelos toques; estarmos atentos(as) é a forma de nela descobrirmos a criação divina, de nos aproximarmos de Deus e a Ele nos abrimos para que nos transforme.

Num texto de prosa poética ‘As Grutas’ (Livro Sexto, *Obra Poética I*, pp.107-108), Sophia retoma a imensidão que leva à procura órfica, a inserção do ser humano no mundo, a interseção com o que o cerca – *o equilíbrio do homem com as coisas*, a (re)fundição das relações do ‘eu’ com o cosmos pela fusão total do imaginário – *o meu olhar tornou-se liso como um vidro sirvo para que as coisas se vejam*. A atração pelo primitivo, o recolher-se em si, a intimização pela luz e pelo silêncio é peculiar ao texto de Sophia. O ‘eu’ desnuda-se, procura libertar-se de tudo quanto o acorrenta às coisas, numa caminhada repetida por praias, por jardins, por descampados, por desertos, para se poder consubstanciar com o cosmos; acontece o despojamento do ‘eu’, a rarefação do ‘eu’, a identidade do ‘eu’ com o cosmos. Dos poemas do Livro Sexto, *Obra Poética II*, ‘Eis-me’ (p.117), ‘A pura face’ (p.126), ‘Para atravessar o deserto do mundo’ (p.128), ‘O Hospital e a Praia’ (p.138), títulos que só por si atestam da assertividade cristã da poetisa, da sua percepção direta e objetiva da criação, destacamos os seguintes versos: *Para ficar sozinha ante o silêncio e o esplendor da tua face (...) E que a verei de frente e sem disfarce (...) Por ti deixei meu reino meu segredo (...) Com teus gestos me vestiste (...) Caminhei na praia quase livre como um deus (...)*. Nem o tempo, nem o espaço prendem o sujeito poético; livre, parte para a caminhada, fundido com as coisas que vê e que ama. Sophia canta o cosmos, no ‘Caminho da Manhã’ (Livro Sexto, *Obra Poética II*, p.106,7): *assim irás sempre em frente com a pesada mão do Sol pousada nos teus ombros, mas conduzida por uma luz levíssima e fresca (...)* *Aí debes parar e olhar um instante para o largo pois ali o visível se vê até ao fim*. No final desta prosa poética, na caminhada de volta à cidade, Sophia confronta os dois lados da vida humana, o do regresso à casa primitiva, o (re)torno aos tempos da criação, o (re)encontro com o (in) finito pela interiorização da vontade determinada de se fundir com o cosmos que só na luz pura e no silêncio se consegue – *Aí escutarás o silêncio (...) como um canto o teu amor pelas coisas visíveis que é a tua oração em frente do grande Deus invisível*. O outro lado da vida humana, inserido na cidade, junto às casas e paredes onde *nasceu uma serpente de sombra azul estreita e comprida*, símbolo do mal, controla e escraviza o ser humano, ficando este controlado pelo poder.

Sophia, na sua obra, deixa um apelo constante ao descentramento do ‘eu’, à atenção à natureza, que se manifesta pelos sons, pelas imagens, pelos perfumes, pelos toques; estarmos atentos(as) é a forma de nela descobrirmos a criação divina, de nos aproximarmos de Deus e a Ele nos abrimos para que nos transforme. Para que essa transformação aconteça temos de sair do labirinto, nos mantermos despojados(as) das posses, abertos(as) à Sua ação e, na claridade e limpidez, sermos o espelho da criação, (re)tomando continuamente a aproximação a Deus.

12 de junho de 2022, Estela P. R. Lamas



OS "ACASOS" DE DEUS

NO MEU PERCURSO PROFISSIONAL

Ingressei na Força Aérea Portuguesa (FAP) em 1994 e ao longo destes 28 anos de serviço militar tenho visto a mão de Deus em muitas ocasiões. Mas antes de falar do meu percurso na FAP, queria contar um episódio que aconteceu no meu 12º ano, que na altura não via a razão, mas que ao fim de alguns anos vi como Deus trabalha e faz sempre as coisas bem.

Ainda sou do tempo que no 12º ano só havia 3 disciplinas, no final do 1º período anulei uma que não estava a conseguir perceber nada da matéria e quando cheguei ao final do ano e tinha uma nota um pouco baixa a matemática, já que tinha de repetir o 12º ano, resolvi anulá-la também. E correu bem, pois acabei o 12º ano com uma média bastante boa. Quando os meus pais não tiveram condições para que eu pudesse ir para a faculdade o meu pai sugeriu que eu concorresse à FAP.

Logo desde o início, Deus tomou conta da minha progressão na carreira. As mulheres tinham começado a ingressar nas forças armadas em 1992 e como era há relativamente pouco tempo, ainda havia muitos requisitos que não estavam definidos e um deles era a altura. Eu meço 1,56m e atualmente uma mulher para ingressar nas forças armadas tem de ter no mínimo 1,60m.

Entrei como praça, fiz a recruta e curso para a especialidade Operador de Informática (OPINF). As praças na FAP só existem em regime de contrato e se queremos entrar para os quadros temos de concorrer ao curso de Sargentos. Diziam que para a minha especialidade isso não ia acontecer, pois já há 12 anos que não havia e que esta era uma especialidade em vias de extinção. Mas na verdade, passados 5 anos de estar na tropa, o concurso abriu. O curso era como

se fossemos fazer o secundário e dar-nos equivalência ao 12º ano, coisa que eu já tinha. Mas mesmo assim concorri e mais uma vez Deus estava a tomar conta de mim. Atualmente, é necessário fazer testes físicos, que comporta entre outras coisas fazer uma corrida num determinado tempo, tempo esse que eu não conseguia realizar. No ano que eu entrei para o Curso de Sargentos foi o último ano em que não foram pedidos testes físicos.

Foi também durante o curso que conheci o meu marido. Quando íamos para o segundo ano de curso, saiu uma nova modalidade de curso. Quem já tivesse o 12º ano podia transitar para esse curso e só era necessário fazer um ano. É claro que aceitei. Como era uma nova modalidade, as regras ainda não estavam bem definidas, mas quando saíram ficamos a saber que a nota do 12º ano ia valer 50% da classificação final do curso o que fez com que eu, que tinha uma boa média, passasse para primeiro lugar.

Terminei o curso e fui colocada a trabalhar na Defesa Aérea. Era um trabalho que era realizado por turnos de 24H e com 72H de descanso. Entretanto casei, nasceram os meus filhos e com este horário tinha mais tempo para os poder acompanhar e ajudá-los naquilo que eles precisassem, assim como concluir a minha Licenciatura em Biologia. É claro que por vezes não era fácil conseguir conciliar os nossos horários e por vezes, principalmente nas férias escolares lá iam eles connosco para a tropa, coisa que eles achavam muita piada. Mantive-me neste serviço durante 16 anos, ao fim dos quais estava na altura de mudar e as "crianças" já estavam mais crescidas já não dependiam tanto da mãe. Como inicialmente, a minha especialidade estava em vias de extinção e não havia curso para a minha área há 12 anos e com a classificação que tive no final do curso de sargentos

fez com que ao final de 25 anos eu fosse a primeira mulher Sargento-Chefe na FAP. A progressão na carreira tem a ver com a especialidade em que estamos inseridos e a partir de determinada altura com as vagas que vão surgindo com a saída dos mais velhos e tempos mínimos de permanência nos postos.

Se Deus permitir no próximo ano completarei o tempo mínimo do posto em que estou atualmente e irei ser a primeira mulher a ser Sargento-Mor da FAP, atingindo assim o topo de carreira na categoria de sargentos. Aconteceram ao longo destes anos coisas que para algumas pessoas é sorte, para outras foi por acaso, mas para mim, como eu costumo dizer, são os “acazos” de Deus. Ele está no comando! Atualmente estou a prestar serviço no Instituto da Defesa Nacional (IDN), é um organismo que comporta civis e militares a trabalhar em conjunto e nestes quatro anos que lá estou tem sido bastante enriquecedor.

Por vezes é em pequenas coisas, que vão acontecendo que vou podendo testemunhar aquilo que Deus tem feito na minha vida. No IDN, que é um meio mais pequeno, em que nos conhecemos a todos é mais fácil não só falar de Jesus, como através de alguns gestos, por vezes é só estar a conversar/escutar alguém que precisa, posso mostrar àqueles que me rodeiam que tenho algo diferente na minha vida e que essa diferença é Cristo que vive em mim.

A comunidade de S. Tomé em Castanheira do Ribatejo é para mim bastante importante porque foi aí que com três anos de idade, levada por uns primos, pude começar a ouvir falar de Jesus. Ali fui crescendo espiritualmente e fazendo amigos que professam a mesma fé e que em conjunto me tem ajudado a manter a chama acesa.

Sandra Vicente Antunes



ESCRITURA, TEOLOGIA, GUERRA E ATUALIDADE

Numa perspectiva Cristã, impõe-se uma reflexão acerca da situação no Leste Europeu, não ignorando que noutros lugares do mundo a guerra é uma constante em larga escala.

Meditemos um pouco sobre a guerra. No Antigo Testamento muitos textos fundamentam-se na guerra feita sob as ordens de Deus. Mas começemos pelo Mandamento “Não matarás”. Ele aparece no livro de Êxodo 20:13, e é repetido em Deuterónimo 5:17. Os Dez Mandamentos são repetidos em Deuterónimo com poucas diferenças textuais. “Não matarás”, mantém a objetividade. Na sequência do texto de Êxodo não existem instruções acerca da guerra, mas em Deuterónimo 20:3, lavé faz a seguinte declaração:

“Quando estiver mesmo a começar a batalha, o sacerdote deve aproximar-se para falar ao povo e dizer: hoje vão batalhar com os vossos inimigos. Não se acobardem, nem tenham medo, não tremam, nem se perturbem diante deles. O Senhor, vosso Deus, vai ao vosso lado e vai combater por vós, contra os vossos inimigos, para vos dar a vitória”.

Em Deuterónimo 21 encontramos: “Regras sobre a guerra” e “Casamentos com prisioneiras de guerra”, e no cap. 23, “Normas sobre a pureza em caso de guerra”. Do ponto de vista teológico estamos diante de um desafio tremendo. A tese para uma solução pode ser a seguinte, o Mandamento: “Não matarás” não é Universal, mas um Mandamento para o Judaísmo, como que ordenando: “Não matarás o teu povo, o da tua fé...” Isto não se aplicaria às relações internacionais que Israel tem que estabelecer, o que fará da guerra a defesa nos perigos da História de Israel. Nos textos, lavé parece institucionalizar a guerra como atividade místico-religiosa ao colocar o sacerdote a falar aos exércitos.

O Salmo 137 afirma:

“E quanto a ti, Babilónia destruidora, feliz o homem que te retribuir pelo que nos fizeste! Feliz o que pegar nas tuas crianças e as esmagar contra as rochas!”

No Médio Oriente existe uma distância entre os conceitos escritos em texto narrativo ou texto poético. Os textos proféticos falam da guerra em forma poética, e em poesia pode-se dizer qualquer coisa... Há um detalhe importante: lavé não é benevolente com Israel, sempre teve com ele conflitos permanentes. A cada falha, ameaça erradicá-lo sem deixar rasto.

Passemos ao Novo Testamento. Jesus nasce em contexto de conflito. O Seu nascimento está marcado pelas guerras do Império. Os nomes Imperiais são de personagens que viviam dias conturbados, e as relações com Israel estavam ao rubro. Herodes manda matar os meninos, na tentativa de incluir o Menino Jesus, isto não é simbólico, porque o título “Rei dos Judeus”, era encarado por Roma como uma afronta ao poder. Na morte, Jesus também é vítima da História. A religião tinha conflitos de interesses, e são várias as tentativas para que Jesus tomasse posições claras sobre o relacionamento com Roma. A sua recusa opera uma mudança de mentalidade. Quando pressionado e não fugindo às questões, Ele contorna-as pela vertente da Paz. Para Jesus não há nada que não se resolva pelo Amor. Ele mesmo tem até uma relação fraterna com os Romanos, curando o servo do Centurião. (Mat.85-13; Luc. 7:1-10). E como o Amor mostra sempre resultados, não é surpreendente que seja um soldado Romano a exclamar: “Verdadeiramente este era o Filho de Deus”. (Mat. 27:54; Mc. 15:39, Luc.23:47).

Entre o povo do passado e o povo do presente, Jesus constrói uma ponte transponível por onde passa a Paz, dando a entender que Deus não está mais disponível para a guerra, deixou de ser zeloso e defensivo, passando da inveja quando não é adorado, para amar a todos.

Podemos argumentar que sempre houve guerra, mas a partir de Cristo já não há mais lugar para ela como expressão de superioridade ou poder.

No tempo de Jesus o mundo também estava em mudança, não era o mesmo da Antiga Aliança, e é com Jesus que os Mandamentos passam do Particular para o Universal. Não é a Revelação que se altera, o mundo é tem que passar da guerra, para a Paz. Chegou o tempo de perder o medo de Deus, porque agora Ele deu-nos em Cristo consciência de que sobre as ruínas da violência do passado nasceu um mundo novo.

Paulo entendeu isto ao escrever que é necessário ter paz com Deus. Não é apenas paz de consciência, mas é saber que d'Ele já não fluem mais ordens para a guerra. Arriscava dizer que Paulo compreendeu que a Morte de Jesus foi a última guerra e a Ressurreição a prova que ela é inútil, porque a vida vence. Quando Cristo exclamou: “Está cumprido”, não foi só o seu Ministério e Vida, mas está cumprido o mundo antigo, a violência foi desacreditada.



Quatro Cavaleiros do Apocalipse do artista Alemão Albrecht Durer (1471-1528)

Como poderemos meditar sobre os acontecimentos no Leste Europeu? Do ponto de vista Teológico algo chocante nos escapa! Talvez seja a incapacidade de aceitar que há mais de dois mil anos passamos das “Leis da Guerra”, para o “Mandamento do Amor”.

Acontecem coisas terríveis sempre que se deita mão do Antigo Testamento ou da História porque convém dar justificações absurdas. Isto aplica-se tanto aos falsos moralismos, como para justificar a “Guerra necessária”. É perverso porque se torna numa negação da fé da Igreja e uma ofensa a Cristo que inaugurou um mundo para a Paz. A consciência da Fé aponta em tudo para Cristo para com Ele construir a Paz.

Não generalizemos, que ninguém pense que as Comunidades Cristãs falam umas pelas outras, devem falar umas para as outras!

Que do Antigo Testamento se rejeite tudo que exalta a ira humana, porque lemos o Antigo Testamento, mas somos o Povo do Novo Testamento!

Todas as Igrejas cometeram erros hoje reconhecidos e sempre que possível corrigidos, no compromisso que nunca mais se repetirão... Será...?? Talvez!!

José Manuel Cerqueira

Maio de 2022

**SENHOR,
MORRENDO,
DESTRUISTE
A NOSSA MORTE,**

**RESSUSCITANDO, RESTAURASTE A NOSSA VIDA.
ENCHE OS NOSSOS CORAÇÕES COM A TUA CORAGEM,
PARA NÃO SERMOS MEROS ESPECTADORES,**

**MAS POSSAMOS
SER CONTADOS
ENTRE AQUELES
QUE TRABALHAM
PELA JUSTIÇA
E PELA PAZ.
COM CRISTO,
VÍTIMA SANTA,
PARA A NOSSA
REDENÇÃO.**

IN A LOUCURA DE DEUS DE RINA RISITANO, fsp